

Lavar na *educação* própria terra

AUSTREGESILIO
DE ATHAYDE

Um brasileiro ilustre, professor em sua ciência, anuncia pelos jornais que vai deixar o Brasil para lecionar numa universidade norte-americana. Nada teria a objetar a essa decisão, se em suas declarações, feitas para justificar a sua opção por uma cátedra universitária nos Estados Unidos, não externasse penosa descrença no destino de sua própria Pátria. E na necessidade que ela tem de que mestres se apliquem aqui a melhorar o ensino, em vez de desertá-lo transmitindo a amargura de suas decepções. Nesse mesmo país aonde vai, encontrará também grandes motivos de decepção, pelo que entendo e leio a respeito dos problemas que lá também se revelam surpreendentes pela decadência dos valores culturais que é hoje uma preocupação universal. Gostaria que os homens de valor preferissem por patriotismo enfrentar aqui as dificuldades e deficiências, porque assim teriam prestado maior serviço, honrando o idealismo de sua profissão. Mestres de categoria não faltam nos Estados Unidos, e não sobram no Brasil.

A revista "Diálogo" publica em seu último número um artigo do professor Chester E. Finn Jr. sobre a educação norte-americana, vista principalmente sob o aspecto das reduzidas disponibilidades financeiras que dispõem as escolas oficiais. O professor é também secretário-assistente do Departamento de Educação dos EUA. O dinheiro, ou seja, todos os recursos materiais da escola pública são importantes, mas não resolvem tudo. Mais necessárias são as mudanças básicas e radicais no sistema. Tanto quanto aqui se passa, evidentemente nas dimensões que separam nosso País do país de Horace Mann. O pessimismo que leva o nosso patricio a afastar-se das cátedras brasileiras para servir ao ensino norte-americano resulta da ausência de uma mentalidade que coloque em primazia a questão do aprimoramento da escola. E isso depende mais do professor do que do Estado, mais dos mestres do que da família, e menos ainda do aluno.

CORREIO
BRAZILIENSE

2 • SET 1987

O Brasil precisa mais do que os EUA da colaboração empenhada do seu corpo docente, e não podemos aceitar a dispersão para o estrangeiro dos que o dignificam pelo saber. Lança-se nas universidades americanas "um movimento em favor da alta qualidade". E não se alcançará esse nível senão com o devotamento dos que têm condições para assegurá-la. Vamos lavar a nossa própria terra, adubá-la com a ilustração dos nossos mestres, criando aqui condições para que tirem do seu ofício bem-estar e satisfação intelectual. Com o êxodo dos nossos melhores, como esperar a "alta qualidade".